

APRESENTAÇÃO

Número especial

O ENSINO DE FILOSOFIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Recebido em: 09/2020
Aprovado em: 10/2020

Há anos, o Ensino de Filosofia, como área de investigação, assiste a um processo de desenvolvimento, que há mais de uma década tem ampliado significativamente o número e a qualidade das produções. São teses, dissertações, TCCs e demais publicações em periódicos e livros especializados que além de tratarem especialmente da questão do ensino e aprendizagem filosóficos na sala de aula, assiste ao surgimento de reflexões voltadas para abordagens temáticas mais específicas que brotam do dia-a-dia do ensino de Filosofia no chão da escola. Com o presente número especial da Revista PROBLEMATATA que vai abordar *O Ensino de Filosofia e as questões de gênero* (por meio de aproximações éticas, políticas, antropológicas e epistemológicas), os organizadores pretendem contribuir com este processo de avanço de importantes temáticas, que atualmente o Ensino de Filosofia no Brasil enseja, e apresentam a contribuição de pesquisadoras e pesquisadores, a partir de textos ricos em reflexão, novidades e provocações filosóficas.

O primeiro texto se apresenta já na capa. A obra intitulada *Um voo sobre as diferenças* do artista plástico e professor de Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Adriano Carvalho, que é também licenciado em Filosofia, manifesta o olhar interseccional entre as questões de gênero e a Filosofia. A fruição com esta obra pode permitir *perceber as diferenças*, as quais se manifestam na miríade de signos que servem de plano de fundo da obra. Esses signos comunicam os mais de 30 termos associados aos diversos modos de existir e de vivenciar o gênero, conforme a pesquisa realizada pelo autor. Ele afirma: “Construí, então, um signo básico para cada uma destas expressões. Utilizei somente linhas

retas e/ou circulares. Várias letras como T e Q se repetiram, mas fiz questão de atribuir uma representação pictórica diferente para cada um dos seus significados. Por menor que seja esta diferença, ela existe! E precisamos conhecer, respeitar e defender o seu espaço em nosso meio. Estas expressões simbólicas servem de base para o voo da coruja. Ela PRECISA voar, ver, observar, refletir, e posicionar-se sobre esta grande diversidade”. E reitera a proposta da nossa obra coletiva quando afirma: “Mas o olhar da coruja nos mira! Nos encara com profundidade! Como profundo, maduro, libertador e revolucionário é o fruto do ensino da filosofia em qualquer sociedade.”

Em *Discussões sobre identidade de gênero e as tensões no ambiente escolar*, as autoras, Rosana Ferreira e Karin Franklin, abordam diferentes concepções sobre as teorias de formação da identidade, discutindo suas implicações nas propostas de políticas públicas para a educação. A discussão parte da perspectiva filosófica, mas inclui outras contribuições igualmente importantes, como das áreas da Neurologia, Psicologia, Teologia, Biologia e Antropologia, uma vez que entendem que a temática da identidade não se restringe apenas a uma perspectiva do humano e que suas discussões são perpassadas por múltiplas visões.

Em *Filosofia no Ensino Médio: pensando o gênero no espaço público e privado*, Isabel Gomes, apresenta novas propostas para refletir a temática gênero no Ensino de Filosofia, no Ensino Médio. Tomando a escola como espaço público e sob as lógicas das diferenças que propicia o aprofundamento de conhecimentos através da diversidade, a autora defende a importância da abordagem filosófica sobre o gênero, para a construção de um espaço inclusivo e participativo no espaço público e para que seja possível levar esta construção do pensar para além da escola, fazendo parte do espaço privado das(os) estudantes, da família e da comunidade em que vivem.

Elnora Gondim e Thiago Chingore, em *O Ensino de Filosofia: a mulher e a Filosofia africana*, tratam da importância da Filosofia africana para os temas do empoderamento da mulher e do Ensino de Filosofia. Segundo a autora e o autor, o Ensino de Filosofia tende a ser algo que impulsiona para uma transformação social, onde o ser humano, por meio dessa aprendizagem, tende a tornar-se um ser melhor, desenvolvendo as suas potencialidades e questionando o seu contexto sócio-histórico. Com isso, as aulas de Filosofia garantiriam um espaço em que se trariam inovações, não seriam meros instrumentos de reprodução e estimulariam o exercício da razão. Nesse sentido o texto nos apresenta críticas muito interessantes, como a que trata da esfera pública idealizada como projeto emancipatório que se construiu para o exercício do poder masculino, enquanto que a esfera privada foi legada à

mulher. A submissão da mulher ao espaço privado da vida doméstica, sob vários pretextos, é a base de sua invisibilidade na história e na política. Daí a necessidade de reivindicar a cidadania para as mulheres e de liberá-las do fechamento na esfera privada.

Com o objetivo de traçar um panorama a respeito da incidência da perspectiva de gênero no ensino de Filosofia na graduação em universidades públicas brasileiras, o texto, *Uma interrogação acerca da relação entre a Filosofia e as mulheres na universidade*, de Megue Andrade e Pedro Gontijo, traz um levantamento de programas de ensino de disciplinas dos cursos de Filosofia de 15 universidades públicas brasileiras. No texto, a autora e o autor alertam para o fato de que na área da Filosofia, ainda se apresenta resistente o estudo ou mesmo a leitura da produção filosófica realizada por mulheres. Nesse sentido, o discurso filosófico consolidado na academia reproduz, na maioria das vezes, uma fala eminentemente de homens, que usualmente pensa o mundo indiferente à participação das mulheres.

De forma criativa e instigante, em *Invisibilia: relato de experiência sobre um material alternativo para o ensino de Filosofia*, Taís Pereira mostra como o baixíssimo número de filósofas presentes nos livros didáticos fornecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) pode levar estudantes de todo o país à conclusão errônea de que não há pensadoras ao longo da história da Filosofia, ou apenas que elas estão restritas às discussões contemporâneas. Com vistas a contribuir na superação deste tipo de lacuna na formação do Ensino Médio, a autora apresenta um jogo de tabuleiro, fruto de uma produção coletiva entre professora, alunas e alunos, cujo objetivo é apresentar diferentes filósofas, auxiliando os participantes a retirarem cooperativamente os personagens intolerantes do “jogo democrático” e concluir missões a respeito das lutas pela igualdade de gênero em um mundo desigual ou de inclusão precária, possibilitando um espaço comum de interação e também de reflexão.

Num diálogo com o pensamento de Immanuel Kant e Judith Butler, Reginaldo Silva nos convida a pensar o significado do ensinar a filosofar na perspectiva da genealogia de gênero, em *Kant e Butler, o ensino do filosofar e a genealogia de gênero*. Para o autor, em Kant, ensinar filosofia é ensinar a pensar, tarefa possível apenas por meio do método, tendo em vista a condição de imaturidade do aluno no uso do entendimento. A considerar que o método é a crítica, cujo caráter propedêutico se põe a serviço de algo além de si ou um objetivo futuro, parece relevante indagar pelo lugar que poderia ocupar nas investigações das formas de construção dos gêneros feitas pela pensadora. Nesta mesma linha, se coloca a pergunta por um ensino de Filosofia que se ocupe, em questões de gênero, de investigar as condições nas quais os gêneros são distribuídos em sociedade. Acredita-se que assim se possa formar alunos não

apenas capazes de pensar, mas também e sobretudo de decidir sobre os seus próprios destinos.

Em *“Por que nos ensinaram desse jeito” – interconexões dos conceitos étnico e de gênero com a Filosofia no Ensino Médio*, Rosemary Silva entende que a Filosofia no Ensino Médio pode contribuir na promoção de rupturas com discursos que inferiorizam. Volta atenção especial aos povos originários brasileiros, buscando mostrar como o Ensino de Filosofia pode promover a reelaboração de outros modos de se dizer, enquanto mulher jovem indígena, rompendo com construções conceituais e ontológicas elaboradas em torno das representações da “boa jovem índia”. Nesse sentido, a autora, no traz expressões verbais das jovens mulheres Potiguara-PB, frutos de sua pesquisa de doutoramento.

Quantas somos? Onde estamos? – um olhar lançado sobre a evolução da formação de filólogas graduadas, entre 2000 e 2016, no Brasil, de Valéria Wilke, apresenta e reflete a partir da evolução da distribuição dos sexos pelos cursos de graduação entre 2000 e 2016, comentando desde o olhar da relação Filosofia e Gênero, a fim de contribuir para o entendimento de como se encontra a presença feminina na função discente na Filosofia profissional realizada no Brasil, no que tange à formação universitária. Conforme afirma a autora, empiricamente é perceptível que a Filosofia realizada no Brasil é notadamente masculina devido à presença majoritária de homens na formação e no mercado de trabalho. Para ela, avançamos e continuamos a avançar no desvelamento e compreensão da história das mulheres filólogas e da construção da memória dessa presença tornada invisível por circunstâncias históricas. Avançamos e continuamos a avançar no levantamento dos problemas que afligem a presença e a permanência das mulheres na filosofia profissional brasileira ao publicar relatórios e análises sobre o processo de formação e sobre aspectos do mundo do trabalho compartilhados por filólogas em suas carreiras.

Pari passu, no próximo artigo, *A luta por reconhecimento da mulher-pesquisadora na Filosofia e na Ciência: experiências de mulheres nordestinas na Universidade Pública*, de Santana Félix, Maria Reilta Cirino e Shirlene Medeiros mostram como o desenvolvimento filosófico, científico e acadêmico, reservou um lugar predominante ao sujeito masculino europeu aristocrata. Constituindo produções de conhecimentos androcêntricos baseados em um conceito de suposta objetividade e neutralidade entre sujeito e objeto de investigação. Nesse artigo, as autoras falam de alguns dos percalços da trajetória das mulheres na Filosofia, na ciência e na academia enquanto pensadoras, produtoras de conhecimento, educadoras e educandas nos contextos universitários, que se constituem, a partir da realidade aqui ressaltada, em expressões cotidianas de resistências nos espaços públicos. Apresentam uma instigante reflexão sobre o lugar ocupado pela mulher-pesquisadora na universidade brasileira, tomando

como cenário a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Caicó, onde exercem suas atividades enquanto mulheres docentes-pesquisadoras e de discente-pesquisadora no Curso de Licenciatura em Filosofia.

De Rosa Mechiço, *Ensino de Filosofia face ao preconceito e exclusão da mulher no corpus filosófico*, mostra como, uma história do pensamento filosófico ocidental masculinizada demonstra que a Filosofia tem, ou pode ter, um caráter ideológico (*ideológico* no sentido de encobrimento de relações de poder ilegítimas), mas pode também possuir um potencial emancipatório que reside em sua força crítica. Outrora rejeitada e até marginalizada, na atualidade nota-se um esforço aguerrido por parte da mulher no sentido de libertar-se das amarras que lhe foram impostas pela educação moral tradicional e pela religião. Para a autora, a mulher sente que é chegado o momento de livrar-se do cativeiro, sair da caverna, isto é, do confinamento, do esquecimento e silenciamento e ousar pensar por si própria, encarnando a possibilidade de recuperação de suas experiências, vivências, ideias e conhecimento. Este processo passa pela constituição de um *corpus* filosófico não-sexista, identificação das filósofas, inclusão de produções intelectuais femininas em obras e nos currículos que possibilitem a existência de debates internos que mostrem a força do pensamento feminino no âmbito da Filosofia, um pensamento que já gera teorias próprias que debatem entre si.

Diversidade de Gênero em debate: uma proposta de enfrentamento de preconceitos em aulas de Filosofia é um artigo no qual os autores, Marcelo Barreira e Ramando Oliveira, nos trazem “debate comunicativo”, em torno de questões acerca dos conceitos, tomando como referência a perspectiva habermasiana da racionalidade comunicativa e as interseções dialogais da construção coletiva de competências comunicativas, visando o enfrentamento de preconceitos sobre a diversidade de gênero por estudantes do Ensino Médio no ensino-aprendizagem de Filosofia. O objetivo central é mostrar como o entendimento mútuo entre colegas de sala é um fator de superação da atual contingência sociocultural, marcada por preconceitos na sociedade e, principalmente, no mundo da escola, como as discriminações em relação à população LGBTQI+ abordadas no artigo.

A autora Vilma Lima e os autores Leandro Laube e Eduardo Barra, com uma análise das obras didáticas de Filosofia aprovadas na última chamada do PNLD de 2018, desenvolvem uma investigação de como os livros de Filosofia poderiam contribuir para a superação das desigualdades, em especial as de gênero e de raça. Justificam sua pesquisa pela importância que as obras didáticas representam para a democratização do acesso ao conhecimento escolar, na medida em que são distribuídas em todo o território nacional e atingem praticamente todos os

segmentos da sociedade. Em *Diversidade, pluralidade e gênero nos livros didáticos de Filosofia – PNLD/2018* pondera-se como os livros didáticos que narram a história da Filosofia, mesmo quando organizados por temas, não evidenciam as contribuições das mulheres e dos povos não europeus, tampouco registram as razões porque não figuram nessa história, uma vez que a referência a mulheres, indígenas e afrodescendentes tem tratamentos diferenciados, restritos a capítulos à parte, sem o devido reconhecimento do valor filosófico de seus pensamentos.

No texto *Cartografias do Ensino de Filosofia: uma perspectiva de gênero*, de Viviane Botton e Lis Kochegerian, temos um estudo que procurou explicitar algumas dificuldades e resistências na atuação de professoras de Filosofia em sala de aula. Para tanto, serve-se da cartografia deleuzo-guattariana como método, para demonstrar como questões de gênero podem se delinear no ensino de Filosofia. Nesse sentido, como podemos ver, mais que nos conduzir por itinerários formativos, conforme nos ensinam Deleuze e Guattari em *Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*, acerca do rizoma, os leitores e as leitoras são convidados(as) a rizomaticamente construir junto com as autoras uma cartografia criativa acerca do Ensino de Filosofia e as Questões de Gênero. São aproximações que no olhar dos organizadores, demandam amizade, deslocamentos, desterritorializações, agenciamentos outros próprios, inerentes ao ensino da Filosofia, tomado como campo epistêmico no aqui e agora do chão da escola.

Por fim, em *Filosofias e Gêneros: desafios para ensinar a filosofar*, Flávio de Carvalho nos provoca a pensar sobre o *kairós* para se filosofar e para se ensinar a filosofar, reconhecendo o pensar como um ato político e de contraconduta. Ele propõe discutir-se o que podem as Filosofias e o ensino de Filosofia diante dos desafios que a realidade contemporânea manifesta com o quadro de violência e discriminação que envolvem as identidades de gênero. Vivemos no país número um em assassinatos de pessoas da comunidade LGBTQI+ e onde o feminicídio faz milhares de vítimas, cômputos que se repetem todos os anos. O autor nos convoca a pensar as questões de gênero como objeto de problematização filosófica, com suas implicações ontológicas, estéticas/éticas/políticas, e nos convoca para o desafio de construir o lugar para tais questões no Ensino de Filosofia, em que precisaremos nos ocupar também com a questão do lugar (ou não-lugar) das filósofas na história da Filosofia e no livro didático de Filosofia, e com o problema da linguagem e seu aspecto sexista (machista). No final, o texto nos provoca a pensar as microcolinialidades e as microcontracondutas atinentes à gênero e à raça.

Como apontamos no início dessa apresentação, as pesquisas, o grande número de

produções e mesmo a possibilidade de pensarmos acerca da Filosofia e de filosofar no Ensino de Filosofia, nos permitem um vislumbre da riqueza de reflexões e criativas escritas que esse campo promete. O olhar sobre as Questões de Gênero, sobretudo por seu lugar de destaque no ambiente escolar, além de um necessário empreendimento tanto educativo quanto político, abre para outros temas, debates e olhares que a presença da Filosofia na formação escolar encontra e pode despertar.

É com sentimento de alegria e satisfação que apresentamos essa contribuição para o fortalecimento do Ensino de Filosofia e da luta contra todas as formas de desigualdade de gênero dentro e fora da Filosofia. A todas e todos que nos ajudaram a construir esse trabalho, nosso mais profundo agradecimento!

Prof. Dr. Flávio José de Carvalho
Prof. Dr. Valter Ferreira Rodrigues
(Organizadores)